

# Política

VIAGEM

O Boeing presidencial estava a 1 minuto e 20 segundos da colisão com um Jumbo japonês, domingo à noite, no aeroporto Kennedy, de Nova York. Foi quando recebeu ordem para arremeter, operação que provoca um efeito de montanha russa.

## Nova York: um susto na chegada de Sarney.

“Que assusta, assusta”, admitiu ontem, em Brasília, o ministro da Aeronáutica, Moreira Lima, descrevendo como “sensação de montanha-russa” o efeito sentido pelo presidente Sarney e comitiva quando o Boeing presidencial foi obrigado a arremeter a 1 minuto e 20 segundos (dois quilômetros de distância e 300 metros de altura) da colisão com um Jumbo da Japan Air Lines, que manobrava na pista do aeroporto Kennedy, domingo à noite, em Nova York.

Mas foi só um susto, que nem pareceu afetar Sarney. Ele desembarcou 20 minutos atrasado, às 22h10, sorridente e acenando para a comitiva que o esperava na pista, no hangar nº 14, sob forte esquema de segurança. “Foi um procedimento normal”, explicou ontem Sarney. Tanto que a **Federal Aviation Administration** nem mesmo registrou o desvio que a torre de controle do aeroporto Kennedy mandou o coronel Salazar fazer. O registro só ocorreria se o piloto, ou algum membro da tripulação, tomasse a iniciativa, baseando-se em julgamento particular da situação.

O coronel Salazar é o comandante do Boeing 02 da FAB prefixo KC-137, branco, que viaja com quatro pilotos. Ele explicou que a aproximação ao aeroporto Kennedy prosseguia por radar, normalmente, com o avião presidencial em décimo lugar na fila para o pouso.

“Ao avistarmos a pista, só tínhamos quatro outros aviões à frente. A cada 50 segundos um avião pousa e outro decola no Kennedy. O Jumbo da JAL estava diante de nós. Depois de pousar ele parou na pista, ao invés de sair dela. Do nosso avião acompanhávamos a conversa do piloto japonês com a torre de controle. Ele queria uma orientação. Sobre a pista para taxiar. Num aeroporto como o Kennedy, o mais movimentado do mundo, qualquer parada, mesmo curta, conta muito. Nós, então, arremetemos. Recebemos instruções para circularmos pela esquerda e entramos de novo na fila para o pouso, em terceiro lugar.”

“O que lhe disse a torre de controle?” “Go around” (circule)

— respondeu o comandante.

O coronel Salazar lembrou que em outra ocasião, em Carajás, ele teve de arremeter quatro vezes, num pouso sem radar, por causa do “aru” — uma neblina que se forma na copa das árvores.

A deputada Márcia Kubitschek lembra que dentro do avião o presidente e sua comitiva só perceberam algo estranho quando viram novamente as luzes de Nova York, do alto, num novo sobrevôo da cidade. Mas o deputado Roberto Jefferson sentiu o momento da arremetida. E sentiu um calafrio “que todos a bordo devem ter também sentido”.

O próprio presidente Sarney não se mostrou abalado com a arremetida do avião. Ele a confirmou, ontem, saindo do almoço com o ministro Abreu Sodré no restaurante **Tavern on the Green**, no Central Park. Ele se disse mais espantado com a reação em cadeia que a notícia provocou no Brasil e que recebeu telefonemas até do ministro da Aeronáutica e do deputado Ulysses Guimarães.

Dona Marly saiu para rezar na manhã de ontem. Mas não quis relacionar sua ida à catedral Saint Patrick com a quase trombada no aeroporto Kennedy. Dois agentes de segurança a seguiram, mas um foi embora quando ela ordenou, brincando:

“Abaixo a repressão”.

Em Brasília, ontem, a muito custo os funcionários do Palácio do Planalto foram convencidos pelas explicações técnicas do Ministério da Aeronáutica. O ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, preferiu ouvir explicações pessoais do ministro Moreira Lima de que fatos como aquele são “rotineiros” e que nada aconteceu ao presidente.

A preocupação foi tal que o Centro de Comunicação Social do Ministério da Aeronáutica decidiu divulgar nota oficial explicando a operação do Boeing presidencial. Segundo oficiais da FAB, o Jumbo da JAL recebeu orientação da torre para sair da pista de pouso “na primeira intersecção à direita”. Mas o piloto japonês não viu a tal intersecção e a ultrapassou, passando a questionar a torre sobre sua localização.



Dona Marly e seu marido: sem perigos.

### Um procedimento quase rotineiro

O presidente José Sarney tem toda razão em ter ficado mais espantado com a reação que a arremetida de seu avião provocou no Brasil do que com o fato em si. Pela distância em que, segundo as informações chegadas de Nova York, o avião se encontrava (2 quilômetros ou 1 minuto e 20 segundos do toque na pista) e por sua altitude (300 metros, equivalentes a 1.000 pés, que é a altitude normal para o início do procedimento de descida) não houve nem de longe o perigo de uma colisão com o aparelho da Japan Air Lines que pousara antes e ainda se encontrava na pista.

A arremetida é um procedimento mais ou menos rotineiro na aviação e não requer, normalmente, a manobra brusca nem envolve os perigos de que a imprensa costuma falar quando noticia o fato. As próprias cartas de descida contêm instruções sobre a arremetida, para a qual o piloto volta a acelerar os motores, que estão reduzidos para a descida, recolhe os trens de pouso e os flaps, estes ao atingir a velocidade em que possa recolhê-los, e segue,

no que diz respeito ao rumo a tomar e à altitude a ganhar, as instruções contidas na carta ou recebidas de terra.

Ao entrar na zona de tráfego do aeroporto, que tem um raio de 5 quilômetros, o avião sintoniza a frequência da Torre de Controle (até então estava na frequência do Controle de Aproximação) e ouve todo o diálogo entre o operador e os aviões que estão pousando em sua frente ou se encontram na pista para decolar. Frequentemente, a Torre autoriza o pouso de um avião e a aproximação de outro, prevenindo o piloto de que terá de arremeter se a pista não for liberada a tempo. Se o avião da frente demorar mais do que o esperado para sair da pista, como ocorreu em Nova York, o comandante do que vem em seguida toma a iniciativa da arremetida ou recebe instruções para fazê-la, sem que isso signifique que houve um perigo de colisão, já que os sucessivos pousos são autorizados mantendo-se a separação de segurança entre as aeronaves.

Lenildo Tabosa Pessoa

### Ele discute a dívida, fala de democracia e cita provérbios.

Numa prévia do discurso que fará hoje sobre desarmamento, nas Nações Unidas, o presidente Sarney contou ao vice-presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodriguez, um provérbio hindu: “Quando dois elefantes brigam para acasalar, a grama é que sofre”.

“Nós somos a grama” — explicou. Ao primeiro-ministro de Israel, Itzhak Shamir, Sarney contou um outro provérbio: “Quanto maior a nau, maior a tormenta”.

A uma alusão do primeiro-ministro israelense sobre as relações entre a OLP e o Brasil, Sarney respondeu:

“O Brasil não tomou ainda uma decisão sobre a abertura de uma embaixada da OLP no Brasil, mas considera esta organização a legítima representante do povo palestino”.

No relatório oficial do encontro de Sarney com o primeiro-ministro israelense, feito à imprensa no saguão do Hotel Intercontinental, qualquer conversa sobre a OLP foi totalmente negada.

Sarney tomou o café da manhã com o embaixador brasileiro em Washington, Marcellino Marques Moreira, e um dos negociadores da dívida em Nova York, o conselheiro Sérgio Amaral. Num determinado momento da conversa, uma ligação foi feita para o ministro Mailson da Nóbrega, em Brasília, despertando os rumores de que um acordo para a dívida externa estaria novamente iminente.

Mas o porta-voz do comitê de bancos credores não criava nenhuma expectativa para a divulgação de qualquer anúncio, nas próximas horas. E, de fonte segura, soube-se que “não há nenhuma novidade sensacional, embora as negociações continuem avançando”. O maior progresso teria sido feito no problema da vinculação entre os desembolsos do pacote de 5,2 bilhões de dólares e o cumprimento de metas de um programa do FMI. A solução encontrada não foi revelada, mas seria uma idéia brasileira.

Com o ministro Abreu Sodré, depois do café da manhã, Sarney reviu

seu discurso de hoje na ONU. Uma das teses que deve defender será a de que o Brasil não pode ficar de fora dos esforços para reduzir as tensões mundiais.

Em seu discurso de ontem na ONU, o presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner, declarou-se pacifista e responsável por ter “acabado com a pobreza e a anarquia” em seu país.

Sarney e Stroessner falaram durante 45 minutos. O ministro da defesa paraguaio, general German Martinez, disse que “o encontro não foi bom; foi muito bom”. Stroessner lembrou a Sarney que “uma democracia tem que ser firme para assegurar o estado de direito”. E também lembrou um de seus sonhos, a abertura da estrada de ferro Assunção-Paraguai. Um outro assunto foi Itaipu.

O vice-presidente cubano, Carlos Rafael Rodriguez, trouxe um agradecimento do presidente Fidel Castro a Sarney, “por viabilizar a reintegração de Cuba na América Latina”. Os dois, falando de desarmamento, concordaram que “a questão não pode ficar circunscrita apenas às duas superpotências: é preciso que todos os países participem”.

O vice-presidente cubano resumiu para o presidente o discurso que Fidel Castro fez na semana passada diante da Conferência dos Países Não-Alinhados, em Havana. Ele “assegura a soberania de Angola, com a consolidação de fronteiras e a garantia de que não haverá interferência da África do Sul nas negociações internas”.

O último encontro de Sarney foi com o primeiro-ministro israelense, Itzhak Shamir, que propôs uma maior cooperação a nível bilateral. Sarney contou-lhe sobre o combate à inflação, o iminente acordo com os credores e a consolidação do sistema democrático. A conversa, que incluiu ainda a questão da abertura de um escritório da OLP no Brasil, acabou no tema da sessão de hoje da ONU sobre o desarmamento, que contará com os discursos dos dois.